



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

VALKÊNIA KUIRLLY GOMES DE SOUTO

**CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: AS VOZES DE
LICENCIANDOS/AS DA UEPB E UFCG.**

**CAMPINA GRANDE
2018**

VALKÊNIA KUIRLLY GOMES DE SOUTO

**CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: AS VOZES DE
LICENCIANDOS/AS DA UEPB E UFCG.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elizabete Carlos do Vale

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S726c Souto, Valkenia Kuirly Gomes de.
Contribuições do PIBID para a formação docente [manuscrito] : as vozes de licenciandos/as da UEPB e UFCG / Valkenia Kuirly Gomes de Souto. - 2018.
51 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Formação de Professores. 2. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. 3. Ensino superior. 4. Universidades. 5. Universidade de ensino superior.

21. ed. CDD 371.12

VALKÊNIA KUIRLLY GOMES DE SOUTO

CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: A VOZ DE LICENCIANDOS/AS DA UEPB E UFCG.

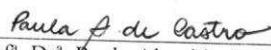
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

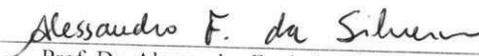
Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 18/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Elizabeth Carlos do Vale (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Paula Almeida de Castro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Alessandro Frederico da Silveira.
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai e minha mãe, a melhor pedagoga que já conheci, uma mulher e professora inenarrável, minha primeira professora. Seres humanos maravilhosos que amo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por sua infinita bondade, pois sem Ele eu não teria chegado aqui, pois quando mais precisei, Ele me deu forças para prosseguir.

Ao meu pai e minha mãe, meus exemplos de vida, que muitas vezes deixaram suas vidas e necessidades de lado para que não faltasse nada para mim e meus irmãos, principalmente quando se fala de estudo, se hoje eu sou “alguém” e estou aqui é graças à vocês, meus dois guerreiros, amo vocês. “Mainha” a senhora é o maior exemplo, para mim, de “ser professor” e de acreditar na educação, quem te conhece sabe tudo que você já fez e hoje faz indiretamente até hoje, você é a melhor professora, você foi minha melhor professora.

Aos meus irmãos, que durante toda minha trajetória escolar, a minha vida acadêmica de acompanharam, desde a ter paciência comigo para atravessar a rua para chegar à escola, até me encorajar a trilhar este caminho, quando muitos desencorajaram, por pegarem no meu pé para participar de eventos e publicar trabalhos, Vâmylla e Joanderson eu amo vocês. Aos meus familiares em geral. Ao meu namorado que esteve comigo em grande parte da minha trajetória acadêmica, e que teve paciência para comigo, quando ficava ausente para estudar, que me apoiou em todas às minhas decisões.

À professora Elisabete por ter de ajudado a desenvolver este trabalho, que se prontificou desde o primeiro momento que conversamos sobre o meu interesse em falar sobre o PIBID. A professora Isabel, que nesses quase dois anos de projeto esteve me auxiliando na minha formação profissional. Aos colegas pibidianos de pedagogia em geral, mas principalmente a Alydiane e Isabelle, que estiveram comigo todo esse tempo, passando por situações difíceis, mas também pelas situações alegres que nos cercaram, vocês se tornaram amigas. Aos colegas pididianos da UFCG e UEPB que se prontificaram a participar da minha pesquisa, meu muito obrigada.

As minhas colegas do curso de pedagogia, que estiveram comigo até essa fase final Cínthya e Jô, em especial Karen Ohana, que esteve comigo desde o primeiro período, dividindo certezas e incertezas, crescemos e aprendemos juntas, sonhamos e estamos conquistando, que isso seja apenas o começo da nossa trajetória, que esse seja apenas o começo dessa grande amizade.

Aos professores do Departamento de Pedagogia, pelos conselhos e ensinamentos, destaco aqui a professora Cristiane Nepomuceno, que me aguentou desde o primeiro período e que hoje considero mais que uma professora, meu muito obrigada.

A Juan que incontáveis vezes imprimiu meus trabalhos e tirava minhas xerox, sem cobrar, sabendo que eu não tinha condições de o fazer.

Aos professores Paula Almeida e Alessandro Frederico que abdicaram do seu tempo para participarem da minha banca.

A Kent, que foi como um segundo pai para mim e me apoiou nesta caminhada. Aos meus amigos em geral, tanto os de “perto”, como os de “longe”, que me apoiaram e acreditaram em mim, em especial Maria Renally que me abandonou no terceiro período do curso.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de iniciação à docência através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Obrigado!

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde, ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.”
Paulo Freire, 1995.

RESUMO

Este trabalho discorre sobre o tema formação de professores, tendo em vista que o mesmo é alvo constante de discussões dentro das próprias instituições de ensino superior. Levando em consideração que muitos estudantes dos cursos de licenciatura não tem oportunidades de estar na sala de aula, no decorrer do seu curso, pondo em prática as teorias abordadas na academia, me proponho a discutir a formação de professores, partindo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com objetivo de investigar as contribuições deste programa para a formação dos estudantes dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), focando na maneira como estes estudantes dos cursos de licenciatura veem o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, como também averiguar as percepções dos licenciandos e dos ex estudantes destas instituições que participaram do programa, e o que este acarretou em sua formação. Para tanto utilizou-se relatos de 10 alunos dos cursos de licenciatura de ambas universidades, com idade média de 24 anos. O questionário proposto foi de cunho qualitativo, contendo 11 questões, sendo uma de identificação pessoal e as restantes discursivas. Para analisar as respostas obtidas baseei minha análise de dados no método proposto por Engers (1994). Portanto fundamento este trabalho em autores como Freire (1983; 1994; 1996; 1997), Azanha (2006), Tardif (2002), Nagle (1987), AU (2011), Souto (2017) e Santos (2010). De forma geral os resultados obtidos a partir desse estudo foram positivos, no que diz respeito a sua formação como profissional da área de educação, pois o programa ofereceu experiências engrandecedoras para os alunos que participaram do PIBID. Conclui-se, no que diz respeito ao PIBID que este cumpre com os objetivos propostos pela CAPES, sendo uma ferramenta a mais, que gera oportunidades para os estudantes dos cursos de licenciatura, complementando e auxiliando na sua formação inicial docente.

Palavras-Chave: PIBID; UFCG; UEPB; Formação de Professores.

ABSTRACT

This work deals with the theme of teacher education, since it is a constant subject of discussion within higher education institutions, considering that many undergraduate teaching students do not have the opportunity to be in the classroom, putting into practice the theories addressed at the university, I propose to discuss the education of teachers, starting from the Initiation to Teaching Institutional Scholarship Program (PIBID), and with the objective of investigating the contributions from the PIBID to the education of undergraduate teaching students of the Campina Grande Federal University (UFCG) and of the Paraíba State University (UEPB), focusing on the ways in which these undergraduate teaching students view the Initiation to Teaching Institutional Scholarship Program, as well as to ascertain the perceptions of the graduates and of the former students of these institutions that participated in the program, about the program itself and what it brought about in their education. To do so, the accounts of 10 students, with an average age of 24 years, from the teaching programs of both universities, were utilized. The proposed questionnaire was qualitative, containing 11 questions, with one being for personal identification and the remaining being discursive. To analyze the answers obtained, I based my data analysis on the method proposed by Engers (1994). For this reason, I base this work on authors such as Freire (1983; 1987; 1996; 1997), Azanha (2006), Tardif (2002), Nagle (1987), AU (2011), Souto (2017) and Santos (2010). In general, the results obtained from this study were positive, regarding each student's training as a professional in the area of education, because the program offered growth experiences for the students who participated in the PIBID. Therefore, it is concluded, with respect to the PIBID, that it fulfills the objectives proposed by CAPES, through this program, being an additional tool as an opportunity generator for the teaching students, complementing and assisting in their teaching education.

Keywords: PIBID; UFCG; UEPB; Teacher Training; Teacher Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O PIBID E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES.....	16
2.1	A FORMAÇÃO DOCENTE NUMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR.....	19
3	METODOLOGIA.....	22
4	SIGNIFICAÇÕES E APRENDIZADOS NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: AS VOZES DOS LICENCIANDOS E EGRESSOS DO PROGRAMA.....	26
4.1	AS VOZES DOS LICENCIANDOS: identificação com a docência.....	26
4.2	INTERESSE E INSERÇÃO NO PIBID.....	28
4.3	ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO X PIBID.....	31
4.4	IMPACTOS DO PIBID PARA A FORMAÇÃO.....	33
4.5	IMPACTOS DO PIBID PARA ALÉM DA DOCÊNCIA.....	37
4.6	RELAÇÃO DA TEORIA X TEORIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL.....	37 39
4.7	A IMPORTÂNCIA DO PIBID PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	41
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	48

1. INTRODUÇÃO

Ser professor é ir além, saber que você irá formar alguém, que vai ajudar pessoas é algo maravilhoso e gratificante. Desde pequena fui estimulada pelos meus pais a estudar, minha mãe então professora e meu pai policial, não mediram esforços para me dar oportunidades para que eu tivesse uma formação acadêmica que eles não tiveram. Diferentemente de muitos colegas do curso de pedagogia estudei em escola privada, meus pais abdicaram de muitas coisas para que eu e meus irmãos tivéssemos um estudo de qualidade, visto que, infelizmente a qualidade da escola pública ainda está muito aquém das necessidades educativas exigidas pela sociedade contemporânea.

Na minha trajetória escolar passei por diversos professores, mas os meus professores da Educação Infantil e Fundamental I me marcaram e me inspiraram de uma forma ímpar. Minha mãe foi minha primeira professora e minha primeira heroína, vi o que ela passou, sofrendo para ser uma boa professora, porém, nunca desmereceu essa profissão, pelo contrário, sempre atuou com compromisso e muita dedicação no sentido de ensinar da melhor maneira possível os seus alunos. Tenho dois irmãos que enveredaram pela docência, inclusive também fizeram parte do PIBID em seus respectivos cursos de licenciatura. Mesmo sabendo dos desafios, dificuldades e desvalorização do trabalho docente que os professores enfrentam cotidianamente, o desejo de ser professora manteve-se no decorrer da minha trajetória e impulsionou-me a ingressar no curso de pedagogia na UEPB no ano 2014.

Ingressei no PIBID em 2016, foi quando percebi o diferencial que um programa como esse pode fazer na formação inicial dos licenciandos. O PIBID tem proporcionado a milhares de licenciandos a oportunidade de vivenciar o dia a dia de uma escola, algo que só era possível nos períodos finais do curso durante o estágio obrigatório, vale salientar, de forma superficial. Nesta perspectiva, acredito que o PIBID é de grande importância para a formação inicial de professores, pois é um espaço que contribui para a mobilização de diversos saberes inerentes à profissão docente.

Dentre tantos temas que cingem o meio acadêmico o de Formação de Professores aparece regularmente não apenas nas aulas, mas em debates, palestras, congressos e afins. Entretanto, ainda hoje há um distanciamento entre as Instituições de Ensino Superior e as Escolas de Ensino Básico, principalmente, quando “nós” estudantes dos cursos de licenciatura

somos encaminhados para as escolas, quando vamos fazer estágio supervisionado, por vezes não sendo nem aceitos nas escolas.

Levando em consideração a história da educação brasileira e, mais especificamente, o processo de formação de professores desenvolvido até então, percebemos que ainda são muitos os desafios a serem superados no sentido de melhoria da formação docente e conseqüentemente, da qualidade da educação básica. No que se refere à formação inicial de professores, um dos maiores desafios é a vivência da relação teoria-prática e a inserção no cotidiano da escola de forma mais orgânica e sistemática. É nesse contexto do repensar sobre o processo de formação inicial docente que o PIBID surgiu e foi apresentado como um programa que visava entre outras coisas, o aprimoramento e melhoria da formação docente inicial a partir do estreitamento da relação entre universidades e escolas públicas da educação básica.

Assim, o PIBID configura-se como um programa que visa propiciar e colaborar no ambiente escolar, oportunizando a convivência e dando a possibilidade de atuação e aprendizagem de práticas educativas, acrescentando a cada um dos alunos que estão inseridos no programa experiências e conhecimentos para o futuro exercício docente. Dentre os objetivos principais do PIBID figuram a articulação teoria – prática na formação inicial; valorização do magistério; inserção dos licenciandos no dia-a-dia da sala de aula; e modificação da prática do estágio, convidando o professor a se perceber como co-formador do futuro docente (BRASIL, 2013).

A discussão sobre a importância do PIBID na formação do professor iniciante numa perspectiva de formação do *habitus professoral*, na perspectiva de Pierre Bourdieu, como lugar do aprendizado da teoria e da prática na formação de professores, diz respeito à apreensão da dimensão educativa empreendida na construção do *habitus* acadêmico/professoral, como elemento constitutivo na formação da identidade profissional docente, que tende a perdurar na atuação profissional do egresso. O conceito de *hábitos* professoral baseado em Bourdieu parte do pressuposto de que é na prática que “nós” professores formamos uma prática dita “nossa”, é na vivência cotidiana que se atribui significado ao que se faz, e é enfrentando desafios que constituímos nosso *habitus*, sendo este comportamento adquirido socialmente.

Portanto, partindo do pressuposto de que é no fazer docente que o professor se tornará professor, compreendendo que a formação teórica é fundamental, entretanto, a sua eficácia depende muito da vivência prática propiciada durante o processo formativo do professor, sendo assim me proponho no presente trabalho refletir sobre a importância do

PIBID para formação inicial, a partir do olhar dos licenciandos. Para além da minha experiência de ex pibidiana, busco “ouvir outras vozes” de licenciandos de diversos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), objetivando identificar como os licenciandos participantes do PIBID percebem seu processo de formação e como avaliam a importância do PIBID para a sua formação docente, bem como, quais concepções e intenções revelam em relação à docência.

A seguir no próximo capítulo, irei expor os autores nos quais me fundamentei para desenvolver a minha pesquisa e discutir sobre o PIBID, a formação de professores, o estágio curricular contrapondo o PIBID, o professor pesquisador, assim como a teorias que são estudadas nas IES e a prática em sala de aula, posteriormente apresento qual foi a metodologia utilizada para desenvolver a minha pesquisa, baseada no método de Engers, finalizando o trabalho apresentando os resultados da minha pesquisa.

2. O PIBID E A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

O PIBID foi criado no ano de 2007 pelo Ministério da educação (MEC) e implementado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sendo um programa destinado a estudantes universitários dos cursos de licenciaturas, oferecendo bolsas a esses alunos para que iniciem a docência em escolas públicas, com o intuito de valorizar, ajudar e aperfeiçoar as experiências dos estudantes dos cursos de licenciatura, unindo a teoria e a prática.

De acordo com a portaria nº 260, de 30 de dezembro de 2010, são objetivos do PIBID:

- a) Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- b) Contribuir para a valorização do magistério;
- c) Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a educação superior e a educação básica;
- d) Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- e) Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;
- f) Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2010, p.1).

O processo para que as universidades pudessem participar do programa se dava da seguinte forma: a Instituição de Ensino Superior (IES) que manifestasse interesse de participar do programa deveria primeiramente apresentar seus projetos de iniciação à docência para a CAPES, conforme os editais de seleção publicados. Para além das instituições públicas, instituições privadas, com ou sem fins lucrativos que oferecessem cursos de licenciaturas, também poderiam se candidatar. As instituições selecionadas recebiam uma cota de bolsas, e a partir daí definia o processo de seleção dos alunos bolsistas.

Neste sentido, o PIBID visa propiciar uma maior relação entre as universidades e as escolas da educação básica, com o propósito de oferecer aos licenciandos uma formação teórico-prática a partir da sua inserção nas escolas desde os primeiros anos de sua formação

inicial docente. Para melhor funcionamento do programa são ofertadas bolsas pela CAPES em quatro modalidades básicas: os licenciandos, os professores da educação básica e os professores das IES (Coordenador Institucional e Coordenadores de Área), da seguinte forma:

1. Iniciação à docência – para discentes de licenciatura dos cursos abrangidos pelo subprojeto. Valor: R\$400,00 (quatrocentos reais);
2. Professor supervisor – para professores de escolas públicas de educação básica que acompanham, no mínimo, oito e, no máximo, dez discentes. Valor: R\$765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais);
3. Coordenador de área – para docentes da licenciatura que coordenam os subprojetos. Valor: R\$1.400,00 (um mil e quatrocentos reais);
4. Coordenação institucional – para o docente da licenciatura que coordena o projeto institucional de iniciação à docência na IES. Permitida a concessão de uma bolsa por projeto institucional. Valor: R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais). (BRASIL, 2010, p.1)

Como já foi mencionado anteriormente, um dos temas mais recorrentes em relação à educação é o de Formação de Professores, considerando a história do Brasil com a educação (ensino- aprendizagem), são levantadas muitas questões sobre o ensino que é ofertado aos alunos no ensino fundamental e médio (ensino básico), e conseqüentemente a formação inicial de professores oferecida nos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior. Para que haja melhorias no processo de formação inicial de professores, precisa-se de uma política nacional de formação de professores. Considerando que o Brasil é um país diverso, imerso em culturas distintas, como se pode estruturar uma política nacional de formação de professores que abranja a pluralidade e diversidades regionais que caracterizam nosso país? Sobre esse aspecto, Azanha (2006, p.54) pontua que “a única política nacional de formação de professores deve ser uma simples indicação de rumos, tal como a própria LDB já fez”. No entender do autor, o *lócus* da formação do professor é a própria escola, pois:

[...] Diferentemente de outras situações profissionais, o exercício da profissão de ensinar só é possível no quadro institucional da escola, que deve ser o centro das preocupações teóricas e das atividades práticas em cursos de formação de professores. O professor precisa ser formado para enfrentar os desafios da novidade escolar contemporânea (AZANHA, 2006, p. 63).

Ao ser inserido na escola através do PIBID o licenciando está mais perto da realidade escolar, vivenciando no cotidiano da escola as mais diversas práticas educativas e compreendendo quem são os sujeitos da escola e qual o papel desta no processo formativo de crianças, jovens e adultos. A partir da vivência no ambiente escolar ele saberá o que enfrentará mais a frente, e em tese estará melhor preparado para o exercício da docência em sua multiplicidade de desafios.

É bom destacar que o processo de formação de professores ofertado pelos cursos de licenciatura docente é marcado geralmente pela dicotomia teoria-prática, visto que a inserção nas escolas se dá no final dos cursos através dos estágios supervisionados obrigatórios, que de modo geral são realizados em curto espaço de tempo, muitas das vezes sem o devido acompanhamento do professor da escola básica e também, na maioria das vezes, do professor da universidade.

Tardif (2002, p. 270) aponta questões acerca do modelo universitário de formação profissional, quando indaga a respeito do papel das faculdades de educação na formação dos professores, visto que, em diversas situações a teoria não está associada à prática, ou uma não condiz com a outra, podendo por vezes prejudicar a nossa práxis, pois o currículo imposto pela universidade se distancia da realidade escolar, assim como dos professores que estão inseridos nesta. Dentro desse modelo de formação, o resultado a ser obtido será o de separação entre o conhecer e o fazer docente:

Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. [...] resultando na dissociação entre o conhecer e o fazer na formação docente (TARDIF, 2002, p.270).

A partir dos aspectos acima descritos, é possível perceber a diferença entre o processo de formação oportunizado pelo PIBID e o que é ofertado através dos estágios curriculares obrigatórios que, em princípio visam também proporcionar oportunidades de estar neste meio escolar. Entretanto, não se pode comparar a experiência, o apoio e acompanhamento pedagógico proporcionado pelo PIBID em relação ao que é propiciado nos estágios obrigatórios, pois, quando se cumpre o estágio obrigatório, o máximo de tempo que ficamos na escola é 07 dias.

Outro aspecto importante a destacar é que nem sempre os licenciandos são bem aceitos pelas escolas, pois a presença do estagiário na sala de aula é tida como um incômodo. Diferentemente, no PIBID há uma parceria melhor definida entre universidade e escolas, a partir da definição de um projeto de intervenção didática que visa não só a formação dos licenciandos, mas também a melhoria da qualidade da escola básica. Não adentrarei de forma mais ampla neste assunto (PIBID x Estágio Curricular Obrigatório), o objetivo aqui disposto é apenas comentar sobre esta diferença, pelo meu ponto de vista.

O PIBID proporciona uma maior inserção dos licenciandos nas escolas, fazendo com os mesmos tornem-se durante o período de vigência do projeto, parte do corpo escolar. Essa inserção só é possível porque os licenciandos vivenciam o cotidiano das escolas durante um período maior de tempo, o que faz com que estes criem laços, partilhem experiências, contribuam com o fazer docente e aprendam na prática o ofício docente.

Desse modo, diversas pesquisas sobre o PIBID apontam para a sua contribuição para formação docente inicial dos licenciandos, para a formação contínua dos professores da escola básica e para a melhoria da qualidade das escolas.

2.1. A FORMAÇÃO DOCENTE NUMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR PESQUISADOR

Nagle no livro, “Universidade, Escola e Formação de Professores”, traz apontamentos acerca do professor pesquisador, afirmando que seria preciso pensar antes de pôr características “diferentes, e muitas vezes antagônicas” em um mesmo ser, pontuando que há grandes diferenças, começando pelos interlocutores de cada um, o que diferencia a prática de ambos, que se tornam marcantes entre um bom professor e um bom pesquisador.

[...] O professor em primeiro lugar, tem como interlocutor um grupo de pessoas, de alunos, e por isso mesmo deve ser um bom comunicador. Ser um bom comunicador envolve questões complicadas, de linguagem e ajustamento de forma e conteúdo, bem como de relacionamento pessoal. Em segundo lugar, ser um bom professor não é uma tarefa simples, como se supõe; mesmo a aula é atividade que apresenta muitas dificuldades. É necessário pensar que a tarefa de ministrar aulas supõe atividades diferenciadas e muito complexas; nem todos os professores têm condições para realizá-las com a mesma competência. Por exemplo: em relação a outros, alguns professores estão mais capacitados para estabelecer o processo de comunicação, alguns possuem maiores recursos para processar a avaliação, alguns têm maior capacidade de síntese ou ainda para desenvolver determinados tipos de raciocínio. E aqui estão sendo apresentadas algumas características da tarefa de ser professor. É difícil pensar que a mesma pessoa consiga realizar bem, a não ser em casos especialíssimos, todas as tarefas que são próprias da docência. No caso do pesquisador, é bom deixar claro que ele tem outro *interlocutor*, que é o conhecimento. Situa-se frente a problemas de conhecimento. A questão da comunicação não é, para ele, fundamental. O problema fundamental é a descoberta, o que acaba estabelecendo diferenças, que precisam ser levadas em consideração. Isso sem discutir em que a pesquisa está se transformando, na universidade – a impressão que fica é a de que a pesquisa está se transformando também numa atividade burocrática, no sentido de que é alguma coisa para cumprir a

fim de se dar conta, de um contrato de trabalho, que estabelece que a pesquisa tem que ser feita [...] (NAGLE, 1987, p.169-170).

Nagle se posiciona separando o professor da pesquisa, dizendo que só se pode ser um “bom professor” ou um “bom pesquisador”, mas será que esse pensamento dele realmente condiz com nossa realidade? Ele mesmo diz no começo do parágrafo que está na “legislação brasileira proclama o caráter indissociável do ensino e da pesquisa”, a pesquisa não deve se separar do ensino, isso é um fato.

Noutra vertente, como mencionado no parágrafo anterior, Paulo Freire (1996) contrapõe esse posicionamento ao afirmar que “ensinar exige pesquisa”, visto que, não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Para Freire, o professor tem que ser pesquisador, pois faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. É preciso pesquisar para se conhecer o que ainda não se conhece e comunicar ou anunciar novidades.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...]. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE,1996, p. 14).

Assim, para Freire (1996, p.15) faz parte da natureza e da prática docente o ato de indagar, levando os alunos a se perguntarem e também a buscar respostas, mas para que isso ocorra se faz necessário que o professor se veja e admita um professor pesquisador.

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Precisa-se formar para que os alunos saibam pensar por si mesmos, considerar e refletir sobre o que ele pensa, que indague por si só, assim como, busque repostas para essas indagações, levando este a pesquisar. O diálogo libertador e crítico para com os alunos tem que ocorrer, não importa em qual grau de “libertação” esses alunos se encontrem, pois “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p. 78). Ainda de acordo com Freire (1983, p.36) ao se utilizar a pesquisa como forma de compreender, analisar e conhecer, os alunos passarão cada vez mais se aprofundar e relacionar os fatos a sua realidade, sobrepondo o conhecimento que eles possuíam anteriormente.

Quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. (FREIRE, 1983, p. 36).

A pedagogia libertadora de Freire tem como referência central a “práxis” enquanto ação “em que os estudantes e professores tornam-se sujeitos que sabem ver a realidade, refletir criticamente sobre a realidade e assumir uma ação transformadora para mudar essa realidade” (AU, 2011, p. 251).

Mas, o que é “práxis”? Qual a importância dessa categoria para se pensar a formação de professores? O termo “práxis” deriva do termo grego “práxis” que significa conduta ou ação. Corresponde a uma atividade prática em oposição à teoria, por isso tão comumente falamos de teoria x prática. Já a prática (dentre tantos significados), coloca-se como “realidade; o que se opõe ao teórico” e estágio; tempo usado para se preparar. De acordo com o dicionário do pensamento marxista (GUIMARÃES, 2013) práxis corresponde a “atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz) e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico a si mesmo”.

Assim, a práxis orientadora dos processos de formação inicial de professores na perspectiva do que foi idealizado pelo PIBID, tem como referência a Práxis pedagógica no sentido Freireano. Ou seja, é a práxis educativa que visa transformar a ação dos sujeitos no sentido de intervir socialmente visando transformar a sociedade desigual numa sociedade mais justa, pois como já afirmara Freire, a educação não transforma a sociedade, a educação muda as pessoas que através da sua mudança transformam a sociedade.

3. METODOLOGIA

Optamos por uma pesquisa qualitativa, pois essa abordagem poderá propiciar uma maior compreensão dos aspectos relativos à prática pedagógica e às relações professor aluno, tendo o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal interlocutor (BGDAN; BIKLEN, 1997). Os interlocutores da pesquisa foram 10 (dez) alunos egressos do PIBID dos seguintes cursos de licenciatura: Pedagogia, Física, Química, Matemática, Letras Português e Geografia da UEPB e da UFCG.

Como toda pesquisa deriva de um ‘problema’, a minha pesquisa parte da seguinte problematização: “Contribuições do PIBID para o processo de formação inicial de futuros professores: as vozes dos licenciandos”. A problematização tem como missão delimitar o tema assim como a pesquisa que irá ser apresentada. Esse tema surgiu a partir do meu interesse no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, e dos benefícios e oportunidades que o mesmo me proporcionou. Sabendo também que este programa é de grande importância para os estudantes dos cursos de licenciatura, visei discorrer sobre o mesmo e procurar a opinião de outros colegas que participaram do PIBID. Para tanto a pesquisa parte de duas questões centrais, como: Quais os impactos do PIBID na sua formação e o que você aprendeu para o exercício da sua docência?

Fazer uma pesquisa não é algo fácil e exige comprometimento, principalmente quando se utiliza o método qualitativo, pois você se dispõe a compreender todos os fenômenos que englobam um tema, através de dados narrados, descritos, estudando as especificidades de cada um, assim como as experiências individuais. Esse tipo de pesquisa reúne os dados de forma narrativa, podendo ser feita através de perguntas abertas, entrevistas através de um gravador, diários, entre outros. No decorrer da pesquisa surgiram alguns problemas e dificuldades, gerando desencontros, portanto, o questionário foi aplicado através da internet, enviado via e-mail, posteriormente os estudantes e concluintes dos cursos de licenciatura assinaram os termos de compromisso para que a pesquisa pudesse ser validada.

Busquei compreender os dados da pesquisa a partir da análise de conteúdo defendida por Engers, utilizando o método do mesmo. De acordo com Engers (1994, p.53):

A análise de conteúdo se constitui num conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada, o que leva à descrição e interpretação desses materiais assim como à inferência sobre suas condições de produção e recepção.

A proposta metodológica de análise dos dados definida por Engers (1994) é estruturada em 05 etapas:

- a) Leitura da transcrição das entrevistas;
- b) Análise vertical agrupar as ideias de cada entrevistado para cada questão do questionário norteador, de maneira que possam ser destacadas as ideias principais. Entrevistado 1- Questão 1, Questão 2, Questão 3... Entrevistado 2- Questão 1, Questão 2, Questão 3... e assim por diante. (Assinalar e classificar de forma exaustiva e objetiva todas as unidades de um texto permitindo que se sobressaiam ideias precisas controlando a subjetividade.)
- c) Análise horizontal - agrupa-se por questões de todos os entrevistados. Formando blocos de cada questão: Questão 1 – Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3.... destaca-se os pontos ressaltados, palavras chaves, essência de cada bloco.
- d) Síntese do material de forma a estabelecer um agrupamento. (Sistematiza o conteúdo das mensagens, por meio de deduções lógicas e justificadas.)
- e) Categorização das informações, seguindo-se de reflexões sobre os resultados encontrados. (Frequências ou ausências de itens, ou seja categorizar para introduzir uma ordem segundo certos critérios.)

Figura 1



Modelo de análise proposto por Engers

Complementando o raciocínio e afirmando o porquê da minha escolha pelo método qualitativo, Engers (1994) diz que “o paradigma qualitativo permite a busca da compreensão das vivências das pessoas através da análise dos depoimentos”.

Seguindo a proposta metodológica de Engers, fiz algumas modificações para que pudesse utilizar o mesmo em minha pesquisa, sendo realizada não em 5, mas em 4 etapas:

- a) Leitura e transcrição dos questionários;
- b) Análise das ideias de cada entrevistado para cada questão que estava proposta no questionário norteador, de maneira que possam ser destacadas as ideias principais.
- c) Agrupamento por questões de todos os entrevistados formando blocos de respostas de cada quesito.
- d) Síntese e Caracterização das respostas obtidas ao fim de cada bloco.

Levando em consideração a problemática inicial que orientou o presente trabalho “as contribuições do PIBID para a formação inicial de licenciandos”, busquei saber como os licenciandos de alguns cursos de licenciatura da UEPB e UFCG avaliam seu processo de formação inicial vivenciado através do PIBID. Os instrumentos de coleta de dados foram os registros sobre as experiências vivenciados nas escolas parceiras do PIBID e a aplicação de questionários junto aos bolsistas egressos do programa. Considerando que utilizarei pseudônimos para identificar os interlocutores da pesquisa para preservar o anonimato destes.

Para definir quais seriam os interlocutores da pesquisa primeiramente entrei em contato com colegas que cursam ou que já concursaram as seguintes licenciaturas da UEPB/UFCG: Pedagogia, Física, Química, Letras, Matemática e Geografia, conforme destacado anteriormente e haviam participado do PIBID.

Tabela informativa dos licenciandos:

NOME	CURSO	IDADE	IES	TEMPO DE PERMANÊNCIA NO PIBID
Valeska	Pedagogia	24	UFCG	2 anos e 6 meses
Kátia	Pedaagogia	22	UEPB	1 ano e 6 meses
Ruan	Matemática	27	UFCG	4 anos e 6 meses
Tiago	Matemática	28	UFCG	1 ano e 6 meses
Késia	Letras Português	22	UEPB	1 ano
Larissa	Física	22	UEPB	2 anos e 6 meses
Danilo	Química	23	UFCG	8 meses
Pedro	Química	24	UFCG	4 anos
Juliana	Geografia	24	UFCG	2 anos
Verônica	Geografia	24	UEPB	1 ano e 6 meses

Para aplicação dos questionários (disposto nos apêndices) utilizei as redes sociais para contatar alunos que moram fora de Campina Grande. Assim, logo depois da devolução dos questionários, foi feita uma leitura detalhada das respostas, buscando identificar temas, palavras ou respostas parecidas, lembrando que essa busca foi baseada nas concepções de procedimento de coleta e análise de dados proposta por Engers (1994). Em seguida fui a encontro deles para solicitar a assinatura e entregar uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como, foi entregue uma breve texto, onde apresentei o modelo proposto de minha pesquisa (ambos estão dispostos nos apêndices). Vale salientar que dos 10 participantes da pesquisa 50% são alunos da UFCG e os outros 50% na UEPB. Quanto ao sexo, 60% são mulheres e os outros 40% homens, já no que se refere a faixa etária, esta varia entre 22 e 28 anos (média de 24 anos). Em relação ao exercício da docência, 60% destes já exercem a profissão contra 40% que não exercem.

4. SIGNIFICAÇÕES E APRENDIZADOS NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: AS VOZES DOS LICENCIANDOS EGRESSOS DO PROGRAMA

O PIBID tem proporcionado, sobretudo à universidade, uma nova forma de conceber o processo de formação de professores que ultrapassa os limites de seus muros para considerar a complexidade do cotidiano da escola pública como um “espaço” formador. Os licenciandos, que participaram deste estudo apontam questões que evidenciam a importância do PIBID na formação inicial desses sujeitos, bem como as positivities e as limitações do desenvolvimento do programa.

4.1. AS VOZES DOS LICENCIANDOS: identificação com a docência

Procurei entender como se deu o processo de identificação dos sujeitos interlocutores da pesquisa com sua área de formação inicial, ou seja, o porquê da escolha de cada um pelo curso de licenciatura (Pergunta referente ao bloco: *Porque você escolheu um curso na área da licenciatura?*). Quando questionados sobre a escolha do curso de licenciatura que escolheram

como formação, dos dez (10) entrevistados, dois sujeitos (Valeska e Kátia) afirmaram que a identificação com a docência tem um forte componente subjetivo a partir da relação familiar com a docência desde a sua infância. Outros dois sujeitos (Késia e Juliana) afirmaram que escolheram o curso por influência de professores que os ensinaram no decorrer da sua Educação Básica. Quatro sujeitos (Tiago, Ruan, Danilo e Larissa) apontam que escolheram o curso por gostarem da área. Os demais (Pedro e Verônica) afirmaram que a licenciatura não foi a primeira opção, um destes chegou a fazer outro curso, mas voltou para licenciatura.

A seguir apresentaremos uma descrição vertical dos dados da pesquisa, logo em seguida uma síntese e categorização desses dados, conforme definido na proposta metodológica do presente trabalho. (*Questão do bloco: Porque você escolheu um curso na área da licenciatura?*)

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

A escolha do curso na área de licenciatura se deu pelo convívio em ambiente escolar desde muito nova. A licenciatura traz consigo uma mágica que pouquíssimas ou até menos nenhuma profissão apresenta e o que mais me chamou atenção foi isso.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Não posso deixar de mencionar que na infância esse era meu sonho, mas o mesmo não permaneceu, pois na medida em que ia crescendo os sonhos mudavam, mas durante meu Ensino Médio, no qual pode se configurar como “fraco” devido às lacunas deixadas por muitos professores, percebi que eu gostaria de mudar a situação da educação, mas percebi também que a mudança real ocorre na base, quando o professor ainda possui a chance de ensinar aspectos importantes para a vida em sociedade, como a ética por exemplo. Não vivo na ilusão que irei mudar o mundo com meu trabalho, mas tenho a convicção que ao menos uma sala de aula, uma turma de alunos por ano eu posso trabalhar em cima par alcançar meus objetivos, me esforçando e me doando ao máximo para levar uma educação de qualidade para os alunos.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Pelo fato de ter facilidade com a matéria de matemática e sempre gostei de lecionar.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Sempre me identifiquei com a docência, ao longo de minha educação básica sempre tive maior afinidade com a disciplina de matemática, daí minha decisão em cursar licenciatura nesta disciplina.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Porque sempre me inspirei em professores que tive. Ademais, sempre enxerguei a educação como prioridade para nossas vidas.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Não escolhi por ser licenciatura, mas por ter afinidade pela disciplina. O gosto pelo magistério veio durante o curso.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

A escolha por um curso na área de licenciatura não foi pela licenciatura em si, mas pela área da química, pois sempre me identifiquei com a disciplina.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

Meu primeiro curso foi Engenharia Química, mas durante o curso percebi que era um desejo desde o ensino médio era de ajudar as pessoas e acabei percebendo que uma forma, para mim a melhor que poderia fazer era escolher a docência, dentro de uma área que eu gosto que é a área de exatas.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

Escolhi o curso por me identificar com alguns professores, por admirar sua postura em sala de aula, me senti motivada a lecionar como eles. E por acreditar que a educação tem o poder de transformar positivamente a vida das pessoas.

- **Verônica, Geografia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

O curso inicialmente não foi a primeira opção. Escolhi o curso de geografia porque me identifiquei com o conteúdo que é trabalhado.

SÍNTESE E CATEGORIZAÇÃO

Pode-se afirmar que essa escolha se deu através não somente da vontade de ser professor, de ensinar, mas principalmente por ter afinidade com uma matéria ou área específica, como por exemplo: exatas, assim como o gosto pelo ensino veio a se desenvolver com o tempo. É comum nós ouvirmos esses tipos de relatos, que a escolha se deu por afinidade, mas essa afinidade gerou algo maior, o prazer de ensinar. Por outro lado, pode-se também perceber que a licenciatura não era a primeira opção de profissão, mas que isso mudou seja motivado por questões subjetivas, seja por influência de um determinado

professor. O exemplo/referência de bons professores como influência para enveredar pela docência configura-se como um elemento importante para compreender a construção da identidade docente. As falas dos participantes da pesquisa revelam que são múltiplos os caminhos que levam à docência.

4.2. INTERESSE E INSERÇÃO NO PIBID

Nesse segundo bloco procurei compreender sobre as motivações e interesses em participar de programas como o PIBID (Pergunta referente ao bloco: *O que levou você a se inscrever na seleção do PIBID*). Dentre as dez respostas a que mais chamou atenção foi a de Tiago, que revelou que o seu interesse inicial era de fazer uma pós-graduação e que a partir desta experiência ele poderia estar mais apto a ingressar em uma pós. Kátia, Késia, Ruan e Juliana apontaram que o auxílio financeiro da bolsa foi um ponto importante, visto que ajudaria a mantê-los focados em seus estudos, sem precisar buscar um emprego para complementar sua renda, pois através da bolsa eles poderiam estar se deslocando, comprando livros, e afins. Valeska, Ruan e Verônica revelaram que a possibilidade de vivenciar a experiência em sala de aula durante um tempo maior e com acompanhamento pedagógico foi a motivação central. Larissa apontou também a possibilidade de vivenciar a experiência prática cedo, porém acrescentou que seria para ter a certeza de que realmente se identificaria com a profissão docente. Pedro afirmou que a experiência no PIBID teria o sentido de desafiar em novas experiências, já Verônica viu o programa como uma oportunidade de ter contato com a sala de aula antes mesmo do estágio.

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

De todos os programas que a universidade oferece, acredito eu, que o PIBID seria o mais pertinente quando falamos do contato com a rede de ensino, ou seja, passamos periodicamente a conviver em sala de aula com alunos reais, que deixam de ser hipotéticos e teóricos e nós alunos em formação acabamos por agregar ainda mais conhecimentos para nossa formação como futuros docentes.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Durante minha graduação procurei estágios remunerados em instituições de ensino particulares para vivenciar o cotidiano escolar, mas percebi que essa experiência não supria minha necessidade de aprendizado e conhecimento a respeito da educação, pois era limitada

a observação, então quando surgiu à oportunidade de ingressar no PIBID procurei saber qual era a proposta e percebi que era o que eu estava procurando, o que minha formação precisava, então não pensei duas vezes em participar da seleção. Mas não posso ser hipócrita ao ponto de dizer que não teve nada haver com a bolsa, a bolsa foi sim um estímulo a mais, pois para quem procura uma formação de qualidade é preciso dispor de dinheiro para participar de congressos, comprar livros, tirar as xerox necessárias e participando do PIBID como bolsista estaria aprendendo sobre a realidade da educação e vivenciar o cotidiano escolar e ainda turbinar minha formação com conhecimentos adquiridos no programa, escrevendo artigos relacionado ao mesmo e apresentando em congressos na área de educação. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID é um programa que objetiva antecipar a vivência na sala de aula para o graduando, ou seja, durante a graduação o bolsista terá a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar, e mais do que isto participar efetivamente dessa vivência, e através dessa participação o bolsista tem contato direto com a realidade educacional que estamos vivendo, ou seja, sua formação não será vinculada apenas com as teorias vistas na universidade, mas terá a prática tão necessária para a formação docente, esta aproximação com a sala de aula contribui para uma formação com mais qualidade ao futuro docente.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Inicialmente o que despertou meu interesse pelo programa foi a bolsa, mas também a experiência de sala de aula que eu poderia vir a obter ao participar do PIBID.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Além de participar de um projeto de extensão e melhorar meu currículo, visando ingressar numa pós-graduação, foi a oportunidade de vivenciar experiências que me aproximassem do fazer pedagógico, podendo atuar em sala de aula enquanto estivesse cursando a graduação. O PIBID é um elo entre a escola básica e a universidade, proporcionando que alunos da graduação, professores universitários e da educação básica possam trocar experiências e vivenciar atividades que proporcionem melhorias na aprendizagem dos alunos da educação básica, bem como a formação dos licenciandos.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Dinheiro. É muito bom quando temos um apoio para estudar e não precisar trabalhar, com o PIBID tive esse apoio, além de aprender muito. O PIBID foi um programa muito importante para mim, além da bolsa, eu aprendi o que é ser professor. Pude perceber a realidade de uma escola, sobretudo de uma sala de aula, antes de terminar a graduação.

Dessa forma, acredito que todos deveriam passar por um programa desse porte, pois você tem uma formação mais completa.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Buscar conhecer melhor a área do ensino e saber se isso seria realmente a profissão que gostaria de seguir.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

Desde que comecei meu curso ouvia as pessoas falarem muito bem do programa e das experiências que ele proporcionava daí despertou um grande interesse em participar do PIBID.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

Eu já tinha a realidade de sala de aula mas o que me levou a tentar a seleção foi a busca de novos desafios e conhecer o programa, isto foi o que incentivou para se inscrever.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

Desde que eu entrei na graduação tive vontade de participar do PIBID, tendo em vista que era um programa que me proporcionava participar de ações metodológicas no que diz respeito à prática de ensino de caráter inovador, podendo vivenciar a realidade da sala de aula como também auxiliaria na minha formação acadêmica. E também pelo auxílio financeiro. O PIBID é um programa de grande relevância para as licenciaturas em todo o Brasil, trouxe um novo olhar e uma nova forma de pensar sobre o papel dos professores, eu costumo dizer que a residência da licenciatura é o PIBID no qual aproxima a universidade da escola.

- **Verônica, Geografia, 1 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Uma oportunidade de colocar em prática a docência mesmo antes do estágio.

SÍNTESE E CATEGORIZAÇÃO

Em se tratando de experiência em sala de aula, nenhum programa universitário que é oferecido para estudantes dos cursos de licenciatura propicia mais oportunidades para o exercício da docência do que o PIBID, levando os estudantes de diversos cursos de licenciaturas para a prática favorecendo assim, uma melhor compreensão das teorias estudadas no decorrer do curso. Outro aspecto está relacionado a questões mais objetivas, como o acesso a bolsa oferecida pelo programa. Dada as difíceis condições financeiras da maioria dos alunos dos cursos de licenciatura, o acesso à bolsa tem uma importância fundamental para a permanência dos alunos nos cursos.

Outro aspecto está relacionado à perspectiva de avançar no processo formativo na pós-graduação, nesse sentido, a experiência no PIBID poderia contribuir, pois possibilita uma maior participação em eventos acadêmicos, produção de artigos e maior contato com o professor da universidade.

4.3. ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO X PIBID

Neste terceiro bloco quis saber qual era a percepção dos ex pibidianos em relação ao estágio curricular obrigatório e a experiência pessoal deles no PIBID (Pergunta referente ao bloco: *Você teve mais oportunidades/autonomia no período de estágio curricular obrigatório ou quando estava inserido no PIBID*). Dois (02) entre os dez (10) não puderam opinar sobre a diferença, pois, não tinham pagado nenhuma cadeira de estágio, sendo estes, Verônica e Danilo. Ruan afirmou que nos dois casos teve oportunidade e autonomia, ademais os outros sete (07) afirmaram que puderam exercer a docência, tiveram mais oportunidades assim como acompanhamento na experiência vivenciada no PIBID.

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Quando estava no PIBID.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Sem dúvida alguma as oportunidades em sala e autonomia foram surgindo através do PIBID, até porque o tempo destinado aos estágios é muito curto e não supre nossa necessidade no que se refere a autonomia em sala, pois quando estamos “pegando o jeito” com a turma o estágio se encerra. Mas, as duas oportunidades me ajudaram bastante, pois ao começar os estágios obrigatórios de docência eu me sentia mais segura para atuar na sala desconhecida, então estas oportunidades trazidas pelo PIBID só veio acrescentar aspectos positivos a minha formação, me ajudaram bastante no meu desenvolvimento tanto no âmbito acadêmico como na sala de aula.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Em ambos os casos tive oportunidade/autonomia.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Em ambos tive as mesmas oportunidades, porém no PIBID tinha um maior acompanhamento e auxílio na execução das atividades, tanto em colaboração com o docente da disciplina na educação básica quanto com o professor orientador.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Quando estava inserida no PIBID, pude elaborar atividades diferenciadas, lúdicas, aulas de campo com os alunos, e, sobretudo, lecionar a partir do contexto em que os alunos estavam inseridos. No estágio, o período que passamos com os alunos é muito curto e acaba ficando tudo muito corrido.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Sim.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

Não cursei nenhuma disciplina de estágio ainda.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

Quando estava inserido no PIBID.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

Com certeza no PIBID eu tive mais autonomia, muitas vezes os estagiários não são bem recebidos nas escolas, muitos professores inclusive desestimulam a continuar na profissão, outros não querem aulas muito dinâmicas, para que os alunos não percebam mudanças na metodologia aplicada e passem a cobrar do professor titular aulas mais elaboradas. No PIBID é totalmente diferente, os professores supervisores nos dão total apoio e orientação para desenvolvermos com autonomia as nossas ideias e pô-las em prática, nos ajudando no que for preciso. Tudo na escola fica mais acessível, nós podemos vivenciar realmente na prática a educação pública, tanto os pontos positivos como negativos.

- **Verônica, Geografia, 1 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Apenas no PIBID, visto que ainda não atuei no estágio.

SÍNTESE E CATEGORIZAÇÃO

A relação entre as experiências propiciadas pelo PIBID e as vivenciadas durante os estágios obrigatórios foram ao longo do curso, elemento de discussão em sala de aula e mais especificamente, entre os pibidianos. No que se refere as avaliações feitas pelos participantes da pesquisa, dentre os dez alunos que responderam o questionamento apenas dois (20%) não

havia cursado nenhuma cadeira de estágio, portanto, não puderam opinar. Dos demais, dois (20%) afirmaram que em ambos os casos (PIBID e estágio) a oportunidade de exercer com autonomia a atividade docente foi vivenciada. Os outros seis (06) afirmaram que o PIBID ofereceu mais oportunidades para a realização de atividades didático-pedagógicas com maior autonomia.

4.4. IMPACTOS DO PIBID PARA A FORMAÇÃO

Meu intuito neste quarto bloco foi focar nos impactos do PIBID na formação pessoal de cada um, bem como, saber o que eles realmente aprenderam no decorrer deste período para o exercício de sua docência (Pergunta referente ao bloco: *Quais os impactos do PIBID na sua formação e o que você aprendeu para o exercício da sua docência?*). No geral, as falas apontam para o fato de que o PIBID propiciou mais confiança para as estudantes, pois, puderam vivenciar durante um período maior o cotidiano da escola participando das mais diversas atividades pedagógicas sob a orientação de professores supervisores. Conforme apontaram sete dos dez entrevistados, Valeska, Ruan, Késia, Danilo, Tiago, Juliana e Kátia, com o auxílio da professora supervisora, na medida em que vivenciavam práticas pedagógicas nas escolas iam adquirindo maior autonomia e desenvoltura no exercício da docência. Apontaram ainda que a compreensão do que é a dinâmica das escolas e seus sujeitos é de suma importância para o entendimento de que não existe receita pronta para ser bom professor, só a inserção na prática e a reflexão cotidiana sobre essa prática podem contribuir para uma melhor formação do professor. Pedro, um dos entrevistados, acrescentou um aspecto importante relacionado à compreensão acerca do papel da gestão escolar. Já outra participante, Larissa, pontuou que a experiência foi importante para perceber que a realidade escolar com seus desafios, dificuldades e possibilidades é bastante diferente do que muitas vezes se discute teoricamente no espaço acadêmico. Para Verônica o Pibid oportunizou um aspecto importante que foi a possibilidade de elaborar de forma conjunta (pibidianos e professoras: supervisora e orientadora) estratégias didáticas diferenciadas favorecendo assim a realização de aulas mais dinâmicas.

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

O PIBID fortaleceu minha formação com discente/docente, a profissional que sou hoje é uma junção de todo o conhecimento adquirido durante o meu curso como também da minha participação em sala de aula como bolsista do PIBID onde adquiri autonomia, desenvolvi práticas de ensino, busquei olhar e conhecer os sujeitos que estão no ambiente de sala de aula. O PIBID me proporcionou estar e ser um docente sempre em formação.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Primeiramente preciso expor que tinha muito medo da sala de aula, de não dá conta do recado, de não conseguir compartilhar o meu conhecimento adquirido com os alunos, então eu não sei o que seria de mim ao terminar o curso e ter que enfrentar uma sala de aula sem experiência alguma. Outro aspecto importante foi viver a união da teoria vista na universidade com a prática em sala de aula, pois os professores da universidade costumam falar que precisamos unir a teoria com a pratica, mas como unir se não vivemos e participamos da sala de aula? Desta forma eu pude viver o que tanto se fala no âmbito acadêmico, além de aprender com a professora supervisora da sala os “macetes” da educação, ou seja, a forma como agir em determinadas situações, a forma como devemos falar com alunos, pais e responsáveis, como planejar sua aula e como improvisar se o que você planejou não saiu como deveria, aprendi que nem tudo que tentamos fazer dar certo, mas que não podemos nos desanimar, pois o amanhã é outro dia, é dia de recomeçar e tentar de novo.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Uma noção de como era a realidade em sala de aula, e no tocante a aprender. O projeto trouxe uma gama de metodologias e experiências em prol da minha carreira como então professor, melhorando meu desempenho como profissional tanto na época como agora.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Tive diversos ganhos, como a facilitação do trabalho em equipe, participação em eventos, autonomia para o desenvolvimento de atividades acadêmicas e na educação básica, assim como, ser um profissional mais crítico e atento às necessidades dos alunos. Na docência pude atuar de forma colaborativa, possuindo suporte sempre que precisasse, além de desenvolver atividades que favoreceram a minha formação inicial.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Costumo pensar que após o PIBID, outra de mim nasceu porque comecei a entender melhor a realidade educacional das escolas públicas e confirmar a vontade de ser

professora. Aprendi muito sobre o fazer docente, pois, pude colocar em prática as teorias vistas antes de terminar a graduação.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

O PIBID proporcionou a oportunidade de conhecer o campo de ensino, e além de tudo mostra ao bolsista que a realidade de uma sala de aula é bem diferente das teorias que são estudadas ao longo do curso.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

O PIBID contribui de maneira significativa para minha formação docente, as diversas vivências que o programa me proporcionou foram muito relevantes em relação as minhas praticas pedagógicas.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

O PIBID foi um passo importante para minha didática e na relação aluno/professor/gestão.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

O PIBID possibilitou a oportunidade tanto de criação como de participação em ações metodológicas e práticas docentes, de caráter inovador e interdisciplinar na Geografia escolar. As reflexões revelaram a importância de ações educativas mediadas por recursos didáticos no processo ensino-aprendizagem. Aprendi muitas coisas dentre elas que, os procedimentos metodológicos que os professores utilizam determinam, por vezes, o interesse dos alunos pela disciplina e constituem uma ponte entre o conhecido e o desconhecido para estes. É notável que quando diversas metodologias são incorporadas à prática de ensino dos professores, desperta nos alunos o encanto de aprender os conceitos geográficos de forma prazerosa e instigante tendo um melhor retorno no que diz respeito à aprendizagem. Cada sala de aula traz consigo muitos desafios, são realidades diferentes, sonhos, objetivos, peculiar a cada aluno dessa forma, não existe uma receita pronta para se seguir, cada escola e cada sala de aula é diferente, cabe a nós enquanto educadores sabermos o que usar no que diz respeito a metodologia para facilitar a aprendizagem dos alunos.

- **Verônica, Geografia, 1 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Praticar à docência utilizando recursos, para inovar nas aulas de geografia e deixá-la mais dinâmicas.

SÍNTESE E CARACTERIZAÇÃO

Sobre esse aspecto, posso afirmar a partir da minha experiência no PIBID, bem como das falas dos interlocutores da pesquisa, que esse programa trouxe impactos positivos para a formação dos licenciandos. A experiência vivenciada nas escolas básicas através do PIBID deu maior confiança para os licenciandos, visto que foi uma experiência vivenciada ao longo do curso, o que possibilitou de fato fazer a relação teoria-prática tão discutida quando se pensa em formação de professores. Outro aspecto importante foi à possibilidade de desmistificar alguns “preconceitos” acerca da escola pública, bem como a ideia de que existem aluno e professor ideal. Neste sentido, o PIBID possibilitou a compreensão melhor sobre a existência da “escola real” com seus problemas, desafios, mas como possibilidades, e também, a compreensão de que a escola é formada por uma diversidade de sujeitos.

Assim, a partir do contato com o professor em sala de aula, da observação das aulas ministradas pela professora supervisora, da participação nos processo de planejamento e nas diversas atividades desenvolvidas na escola, etc., os estudantes dos cursos de licenciaturas puderam compartilhar e aprender novas metodologias, que certamente, servirão de referência quando estiverem exercendo a docência. Pude observar dois posicionamentos distintos sobre a teoria e a prática. Enquanto Kátia pontuou que a partir da sua experiência no PIBID pode trazer a teoria e vivencia-la na prática, alinhando o aprendizado adquirido na universidade com o exercício da docência em sala de aula na escola, Larissa aponta que apoiada à experiência que o PIBID proporcionou ela pode constatar que a realidade escolar é bem diferente da teoria estudada em muitos componentes curriculares na Universidade.

4.5. IMPACTOS DO PIBID PARA ALÉM DA DOCÊNCIA

Minha intenção com este quinto bloco foi descobrir quais foram os impactos do PIBID na formação mais ampla de cada um (Pergunta referente ao bloco: *Depois de ingressar no projeto você passou a participar de mais eventos, publicar trabalhos e afins? Na sua opinião o PIBID lhe permite isso?*). Dos dez (10) participantes, nove (09): Valeska, Ruan, Tiago, Késia, Larissa, Danilo, Pedro, Juliana e Verônica afirmaram que o PIBID possibilitou a participação em eventos acadêmicos e publicação de artigos, etc, tanto pelo fato da experiência vivenciada na escola oferecer dados empíricos para desenvolvimento de pesquisas, quanto, pelo acesso a bolsa. Apenas Kátia afirmou que antes mesmo de estar no programa já participava de eventos e publicava trabalhos nestes.

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Depois do ingresso no projeto as oportunidades eram mais abrangentes e por consequência passei a participar mais de eventos etc.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Não posso mentir e dizer que foi a partir do meu ingresso no PIBID que comecei a participar de eventos científicos, desde o início da minha graduação eu sempre busquei conhecimentos extras, ou seja, que não se limitava ao âmbito acadêmico, publicava artigos com frequência, pois sempre tive em mente que o custo de um congresso é alto para ficar apenas como ouvinte, principalmente se ele for fora da cidade. Mas o que eu não posso deixar de salientar é que após meu ingresso no PIBID os artigos publicados se tornaram de mais qualidade, pois eu tinha propriedade para falar sobre a educação, pois estava vivendo a realidade da sala de aula, então passei a ter outra visão sobre que tipos de artigos deveriam ser publicados, então deixei a revisão bibliográfica de lado e passei a publicar minhas experiências em sala de aula, então ao me vê minhas publicações passaram a ter mais qualidade.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

O projeto de certa forma alavancou isso.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Sim, o PIBID favoreceu uma maior atuação enquanto aluno, promovendo/incentivando a participação em eventos, publicação de trabalhos e promoção de minicursos.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Sim, escrevemos, publicamos e participamos de vários congressos, inclusive viajamos para apresentar, eu não tive essa oportunidade antes de entrar no curso. Percebi que além da minha oralidade, eu melhorei também na escrita.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Sim. O programa tanto incentiva como da várias oportunidades para se publicar artigos em eventos.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

Com certeza. Na verdade minha publicação aconteceu depois que comecei a fazer do PIBID, as inúmeras praticas pedagógicas e didáticas realizada no programa permite mais produções científicas.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

O PIBID é uma oportunidade de que o aluno da licenciatura possa ter seu primeiro contato tanto com a escola pública e na escrita científica, pela possibilidade de desenvolver os projetos e publicar em anais, seminários, congressos e todo evento acadêmico.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

Sim, inclusive o meu primeiro artigo publicado foi de uma ação desenvolvida no PIBID. Sem dúvida alguma o PIBID nos permite ter um maior aproveitamento acadêmico e uma maior participação nos eventos.

- **Verônica, Geografia, 1 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Publiquei em dois eventos relacionados ao ensino de geografia. O PIBID é uma forma de produzir trabalhos científicos na área de ensino.

SÍNTESE E CATEGORIZAÇÃO

Como consequência da experiência vivenciada no PIBID, os estudantes dos cursos de licenciatura passaram a compreender melhor sobre a elaboração de Projetos didáticos a serem desenvolvidos na escola, mas também, passaram a participar mais de eventos e produzir trabalhos científicos a partir de orientações sistemáticas do professor da universidade que atua como coordenador de área por subprojetos. A participação em eventos acadêmicos, bem como a produção de trabalhos científicos foram importantes tanto para os pibidianos, como para as escolas e universidades, pois possibilitou a socialização e troca de experiências, mas também o registro sobre a importância do PIBID enquanto programa que visa melhorar a formação inicial de professores.

4.6. RELAÇÃO DA TEORIA X TEORIA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL

No sexto bloco busquei através de uma indagação saber dos indivíduos se a partir das teorias que eles haviam estudado em sala de aula o que eles haviam aprendido e consequentemente levado para sua experiência em sala de aula (Pergunta referente ao bloco: *Do ponto de vista pedagógico, partindo das teorias estudadas, o que você aprendeu e o que você “levou” para sala de aula?*). Dentre os dez participantes desta pesquisa apenas Kátia citou dois teóricos, sendo estes Paulo Freire e Tardif (2002), alinhando a teoria com a sua prática, principalmente quando se fala de diálogo, sendo esta uma ferramenta importante para o desenvolvimento das aulas em sala. De forma indireta os participantes desta pesquisa citam aprendizados e como se deu seu desenvolvimento em sala de aula a partir das teorias

estudadas, mas não citaram diretamente um autor. Apenas Danilo afirmou que em sua opinião, as teorias muitas vezes, vão na contramão da prática e realidade escolar.

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Aprendi que os sujeitos independem a sua situação econômica e que ele tem direito a uma educação expansiva, crítica e questionadora.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Com relação as teorias vejo que o que Paulo Freire estudava e pregava é o que realmente precisa ser feito, o diálogo é uma arma muito forte na educação, a forma das rodas de conversas surtem bastante efeito no desenvolvimento do aluno, que é preciso dar autonomia para os alunos pensar e realizar as atividades, que ensinar partindo da realidade do aluno é a melhor maneira para que o mesmo assimile e acomode o seu conhecimento, que o conteúdo precisa ser problematizado e que os alunos precisam trabalhar em grupo para aprenderem a viver socialmente da maneira adequada, mas para que isso ocorra o diálogo é fundamental. É aquilo que segundo Tardif (2002, p. 21) afirma que: “Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo para o trabalho”, sendo assim é preciso refletir sobre o que se sabe e sobre práticas anteriores para poder realizar trabalhos futuros com os alunos.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Novos métodos e novas metodologias.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

Perceber as necessidades dos alunos, ser mais atento as dificuldades que eles apresentam, bem como tentar despertar o potencial dos aprendizes para sua inserção no mercado de trabalho e prosseguimento de seus estudos na educação superior.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Aprendi a lidar com o texto em sala de aula, como aplicar as leituras, a importância de levar para os alunos vários gêneros textuais e sobretudo, como trabalhar com a escrita e a leitura do aluno.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Que o planejamento é o principal ponto para que a aula ocorra bem. Pois a sala de aula está cheia de imprevistos, então o professor precisa estar pronto para lidar com eles.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

Em minha opinião as teorias estudadas vão em uma mão controversa que vivenciamos quando temos um contato direto com a sala de aula, pois nos deparamos com situações inéditas e inesperadas, porém essas teorias lhe dão um certo norteamento para resolver tais situações.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

Há vários saberes que o PIBID lhe proporciona. As teorias expostas na academia são importantes, mas, a prática lhe faz refletir sobre as teorias estudadas.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

No PIBID eu tive contato com várias teorias pedagógicas, aprendi que o bom processo educativo é aquele que ensina a pensar e não a repetir conhecimento. Assim a educação assumirá seu papel de agente no processo social, produtora de saber e não apenas consumidora ou reprodutora de conhecimento.

- **Verônica, Geografia, 1 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Saber lidar em sala de aula e compreender a dinâmica escolar.

SÍNTESE E CARACTERIZAÇÃO

Após leitura e análise das respostas é possível perceber que há ainda muito que pensar sobre o processo de formação docente, no sentido de buscar superar a dicotomia teoria x prática tão comum na formação acadêmica. As teorias precisam ser compreendidas a partir dos elementos que a prática oferece e esta, precisa ser pensada à luz dos elementos oferecidos pela teoria, no sentido da práxis defendida por Paulo Freire.

4.7. A IMPORTÂNCIA DO PIBID PARA OS SUJEITOS DA PESQUISA

O sétimo e último bloco foi deixado em aberto, onde solicitei que os sujeitos da pesquisa falassem através de um breve comentário sobre o PIBID e sua experiência pessoal neste programa (Pergunta referente ao bloco: *Concluindo: na sua opinião qual a importância do pibid para a nossa formação de professores, faça um breve comentário sobre o mesmo e a experiência vivenciada na sala de aula através do PIBID.*). É indiscutível através das respostas elencadas que o PIBID é uma ferramenta ímpar, que só vem a acrescentar na formação inicial dos estudantes dos cursos de licenciatura de ambas as universidades.

- **Valeska, Pedagogia, 2 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

O PIBID proporciona esse contato direto com o aluno, com o contexto escolar, abrangendo o contexto pedagógico, as possibilidades de conhecer o verdadeiro ambiente escolar, nos dando a possibilidade e tempo de desenvolver um trabalho contínuo e conciso que estágio obrigatório não possibilita.

- **Kátia, Pedagogia, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

O PIBID me deu a certeza que a docência foi à escolha certa como profissão e foi através do programa que me senti uma docente, que senti que tenho capacidade para atuar em sala, quebrando assim com medos anteriores, a oportunidade de participar do programa foi bem aproveitada e sua ajuda na minha formação foi notória, meu desejo era que todos os que estão se formando pudesse participar de um programa como esse, pois sem dúvida alguma é uma oportunidade única de se tornar e conhecer a docência mesmo antes de concluir seu curso de formação.

- **Ruan, Matemática, 4 anos e 6 meses no PIBID, UFCG.**

É uma experiência impar na formação, proporciona a realidade escolar, realidade essa diferente da que é vista nas disciplinas da universidade.

- **Tiago, Matemática, 1 ano e 6 meses no PIBID, UFCG.**

O PIBID favorece aos alunos e professores uma maior aproximação da escola básica com a universidade, promovendo ações que visem melhorar a formação inicial dos licenciandos e contribuir com a aprendizagem dos alunos da educação básica, seja através de projetos, jogos, reforço ou atividades afins. A inserção dos licenciandos na docência promove um aprimoramento do ser professor, possibilitando vivenciar na prática o que ele conhece, a partir da academia, de forma mais teórica.

- **Késia, Letras Português, 1 ano e 6 meses no PIBID, UEPB.**

Ao entrar no programa, me deparei com um mundo desconhecido, me apaixonei por ele. O que o projeto me proporcionou, nenhuma outra cadeira do curso fez. É um projeto de excelência, a supervisora e a coordenadora foram excelentes pessoas que contribuíram sendo bastante presentes também. O fazer docente se constitui, bem como as ideias de Paulo Freire, na prática e pela reflexão da prática e foi isso que o PIBID me proporcionou: Prática. Me tornei um novo ser, além de que, saí do PIBID com a vontade de sempre me renovar e me aperfeiçoar para fazer um trabalho completo e valoroso, contribuindo para a educação dos jovens e adultos.

- **Larissa, Física, 2 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

O PIBID é a oportunidade que o aluno tem de se identificar com a realidade da sala de aula e saber se de fato é o que ele quer seguir. Caso ele se identifique e decida seguir pelo magistério o projeto incentiva a adoção de novas metodologias que contribuem de forma dinâmica e diferenciada para o ensino e aprendizagem.

- **Danilo, Química, 8 meses no PIBID, UFCG.**

O PIBID é um importante programa que de certa forma prepara os alunos licenciando para a docência, em muitos casos, o primeiro contato com a sala de aula por parte dos licenciados ocorre através do PIBID, pois em muitos casos (como no meu caso) as disciplinas de estágios são apenas nos últimos períodos do curso. Durante os 8 meses que tive o prazer de participar desse maravilhoso programa, pude vivenciar diversas situações que só me engrandeceu como aluno de um curso de licenciatura. As inúmeras experiências que vivi em sala de aula me fez se apaixonar pela educação, e foi em uma dessas situações que percebi que estava fazendo o curso certo.

- **Pedro, Química, 4 anos no PIBID, UEPB.**

Passei 4 anos no PIBID vários momentos foram me proporcionados como, entender a dinâmica de uma escola pública, os parâmetros curriculares, conhecimento sobre gestão, espaços físicos e observar quais são as limitações que poderemos enfrentar no presente e futuro.

- **Juliana, Geografia, 2 anos no PIBID, UFCG.**

Ao adentrar no PIBID tive contato com novas abordagens metodológicas foi um ponto muito positivo na minha formação, trouxe um novo olhar sobre a licenciatura, pois, consegui aliar teoria vista na universidade e colocar em prática nas escolas. Sem o PIBID eu não teria conseguido entender de fato e verdade o funcionamento da escola e suas relações entre a comunidade escolar e os alunos e da sociedade em geral, pois com o PIBID temos a oportunidade de realmente adentrar no ambiente escolar uma vez que temos um maior contato tanto com os alunos como os professores dessa forma podemos visualizar tanto os pontos positivos como os negativos da profissão de professor através da docência compartilhada. O PIBID mostrou que precisamos refletir sobre a questão de sermos profissionais que se preocupam verdadeiramente com o aprendizado, que devemos exercer o papel de um mediador entre a sociedade e a particularidade do educando. Devemos despertar no educando a consciência de que ele não está pronto, aguçando nele o desejo de se complementar, capacitá-lo ao exercício de uma consciência crítica de si mesmo, do outro e do mundo, como dizia Paulo Freire. Mas sem dúvida alguma o meu aprendizado foi imenso

Pelos pontos positivos e também pelos negativos, o PIBID me proporcionou uma experiência inesquecível.

- **Verônica, Geografia, 1 anos e 6 meses no PIBID, UEPB.**

O PIBID é um dos poucos programas disponíveis que permitem o estudante compreender a função do professor nos dias atuais. Hoje é muito importante que as aulas sejam dinâmicas e atraentes aos olhos dos alunos e isso é um dos diferenciais do PIBID.

SÍNTESE E CARACTERIZAÇÃO

Todas as falas dos ex pibidianos apontam para a importância do PIBID como um programa que pode ser um diferencial para a formação docente e para repensar a estrutura e organização dos cursos de formação de professores.

5. CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos através da pesquisa aplicada com os alunos estudantes dos cursos de licenciatura, concluo que o PIBID contribui para a valorização do magistério, sendo um auxílio para a formação inicial dos estudantes dos cursos de licenciatura, gerando oportunidades únicas para estes, confirmando a escolha destes pela docência. Sob as perspectiva dos discentes, participantes do PIBID, o programa capacitou estes discentes e através deste contato aberto com os alunos, com o contexto escolar, os estudantes dos cursos

de licenciatura se sentiram mais capacitados para o dia-a-dia em sala de aula. O PIBID promoveu ações com intuito de melhorar esta formação inicial, aliando a teoria proposta na academia com a prática, como foi disposto na maioria dos comentários dos discentes.

Sabe-se que nem sempre o que é proposto pela teoria realmente ocorre no âmbito escolar, ou é posto em prática, pois a realidade escolar se contradiz com a teoria em algumas situações, e que por vezes usar a teoria proposta pela academia não irá resolver as situações recorrentes nas escolas, sendo assim, esta experiência permite aos discentes experimentar a prática e buscar respostas para tais situações, tentando aliar a teoria com a prática.

Este tipo de pesquisa é de total importância, pois a partir das respostas obtidas, nós podemos caracterizar e avaliar um programa institucional, mesmo que esta pesquisa não abranja um por cento dos estudantes de cursos superiores das áreas de licenciatura que participaram deste programa, podemos observar através das respostas obtidas que o programa é uma ferramenta indispensável, que auxilia na formação docente dos alunos que usufruem dos mesmo, não apenas os estudantes dos cursos de licenciatura, mas também os professores das escolas públicas e os alunos de tais escolas. Seria muito bom que outros alunos dos cursos de licenciatura pudessem participar deste programa, pois poucos alunos são beneficiados com este programa, e esta experiência foi de grande valia para minha formação e formação dos meus colegas que participaram da pesquisa.

É evidente que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência é de total importância para a formação docente, tendo em conta que a intervenção em sala de aula traz benefícios não somente para os estudantes dos cursos de licenciatura, mas também traz benefícios para o desenvolvimento dos alunos das escolas públicas. A experiência do PIBID proporcionou vivências engrandecedoras para mim e os colegas que participaram da pesquisa, nos aproximando do fazer-professor, expandindo o nosso conhecimento, assim como transformando a nossa visão acerca da escola e do ensino público e contribuindo para a sua melhoria.

A partir da minha experiência no subprojeto PIBID/Pedagogia, posso afirmar que a inserção no programa me mostrou que ao chegarmos às escolas nos deparamos com uma realidade bastante diversa. Atuei como bolsista durante o segundo semestre de 2016 até o encerramento do programa em março desse ano. Tal experiência me possibilitou uma maior e melhor compreensão acerca da realidade e do cotidiano da escola, bem como do fazer pedagógico da professora supervisora. Vale salientar que quando iniciei no programa tinha muito medo de não dá conta das exigências inerentes ao trabalho docente. Assim, conforme destacado em trabalho anterior: *Tivemos medo de falhar, ou não atender o que nos era*

pedido, levando em consideração que cada criança possui sua especificidade, pois cada uma partilha de uma cultura. Esse misto de sensações é normal a partir do momento em que nos deparamos com o desconhecido. Porém, o contato com a prática docente em uma realidade diferente da qual estávamos submetidas antes do ingresso ao programa, nos possibilitou a cada encontro um reconhecimento de nós mesmas, através do contato com o novo. É a partir do exercício de alteridade, que deixamos de apenas observar, e, passamos a nos fazermos professoras (SOUTO, 2017, p. 4-5).

De acordo com Santos (2010, p. 531), “*é comum que, ao chegarem à escola para a prática docente, os professores pareçam inseguros e com a constante sensação de despreparo*”. Durante a nossa prática em sala de aula buscamos aliar a teoria estudada nos cursos de licenciatura com a prática desenvolvida.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. SILVA, Miriam Ferreira de Abreu da. **Tecendo os fios do habitus professoral**. *Revista Aleph: pulsações e questões contemporâneas*, Campo Grande, n. 21, p. 77-93, sem ano.

AU, W. Lutando com o texto: contextualizar e recontextualizar a pedagogia crítica de Freire. In: APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luís A. **Educação crítica: análise internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

AZANHA, José Mário Pires. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

CAPES. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. Disponível em: <<http://capes.gov.br/educacaobasica/capespibid>> . Acesso em: 10 de out. 2017.

ENGERS, Maria Emília. **Paradigmas e Metodologias de Pesquisa em Educação: Notas para Reflexão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**. In: BRANDÃO, Carlos. Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes e necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água. 1997.

GUIMARÃES. Antonio M. (org. da edição brasileira). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012. (Edição digital: abril 2013) ISBN: 978-85-378-0611-1. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br> Acesso em: 10 de mai. 2018.

ISAIA. **Análise Qualitativa de Dados**. Disponível em: <<http://www.isaia.com.br/unidade-pesquisa-clinica/wp-content/uploads/2013/05/14.11.2012-Metodologia-de-estudos-qualitativos.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. 2018.

NAGLE, Jorge. As unidades universitárias e suas licenciaturas: professores x educadores. In: CATANI, Denice; FISCHMANN, Roseli. (Org.). **Universidade, escola e formação de professores**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 161-172.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência: Problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. (Série Rumos da Cultura Moderna, 20).

PRÁTICA. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pratica/>>. Acesso em: 8 de abr. 2018.

QUESTIONÁRIO. **Conceito de**. Disponível em: <<https://conceito.de/questionario>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Apresentação do questionário ao participante da pesquisa



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

Prezado (a) Sr (a)

Um questionário é formado por um conjunto de perguntas que são feitas com o intuito de colher informações com um objetivo em concreto. Existem diversos estilos e formatos de questionários, cada qual depende da finalidade específica de cada um. O questionário a seguir foi produzido apenas com questões abertas, sendo então classificado como um questionário não-estruturado.

Instrução: Para resguardar a identidade de cada licenciando, propôs-se a criação de um pseudônimo.

Desde já muito obrigado por sua contribuição!

APÊNDICE B – Modelo do questionário entregue

Questionário para pesquisa do TCC

Dados Pessoais:

1) NOME: _____

IES: _____

CURSO: _____

QUANDO CONCLUIU O CURSO: _____

JÁ TRABALHA NA ÁREA: _____

IDADE: _____

- 2) Porque você escolheu um curso na área da licenciatura?
- 3) O que levou você a se inscrever na seleção do PIBID?
- 4) O que é o PIBID?
- 5) Por quanto tempo você ficou no programa?
- 6) Você já havia lecionado anteriormente em alguma sala de aula?
- 7) Você teve mais oportunidades/autonomia no período de estágio curricular obrigatório ou quando estava inserido no PIBID?
- 8) Quais os impactos do PIBID na sua formação e o que você aprendeu para o exercício da sua docência?
- 9) Depois de ingressar no projeto você passou a participar de mais eventos, publicar trabalhos e afins? Na sua opinião o PIBID lhe permite isso?
- 10) Do ponto de vista pedagógico, partindo das teorias estudadas, o que você aprendeu e o que você “levou” para sala de aula?
- 11) Concluindo: na sua opinião qual a importância do PIBID para a nossa formação de professores, faça um breve comentário sobre o mesmo e a experiência vivenciada na sala de aula através do PIBID.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Termo b disponibilizado pela Universidade Estadual da Paraíba, este foi adaptado para a minha pesquisa)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu,
 _____, em

pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “**CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: AS VOZES DE LICENCIANDOS/AS DA UEPB E UFCG.**”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho **CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: AS VOZES DE LICENCIANDOS/AS DA UEPB E UFCG.** Tendo como objetivo geral: “Investigar as contribuições do PIBID para a formação dos estudantes dos cursos de licenciatura da UEPB e UFCG.”

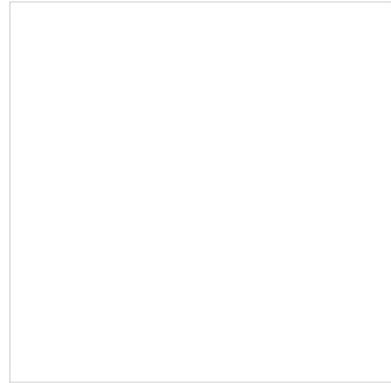
Ao voluntário só caberá a autorização para entrevista (qualitativa), desde já garantindo que não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial;
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo;
- A identidade será resguardada através da criação de um pseudônimo;
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da pesquisadora responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a pesquisadora responsável através do número (083) 99938-8809 ou (083) 30652706 e solicitar falar com Valkênia Kuirly Gomes de Souto.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa
(OBS: utilizado apenas nos casos em que não seja
possível a coleta da assinatura do participante da
pesquisa).



Campina Grande – PB, _____ / _____ /2018